

ESTADO DA NAÇÃO

Portugal ainda longe da OCDE no apoio directo à natalidade

Sócrates apresentou “reforma do abono de família” no Parlamento

Carlos Filipe Mendonça

carlosmendonca@mediafin.pt

Vítor Ferreira Teixeira

vteixeira@mediafin.pt

O Estado português vai gastar mais cerca de 0,06% do PIB com as duas medidas de apoio à natalidade apresentadas por José Sócrates, na sexta-feira no Parlamento. Mesmo desembolsando mais 100 milhões de euros, ano, para suportar estas novidades, Portugal vai continuar a ser um dos países da OCDE que menos percentagem do PIB destina para estimular, através de transferências monetárias, a taxa de natalidade.

A lógica foi a mesma de um qualquer debate mensal. Sócrates utilizou a discussão do estado da Nação para tirar mais “um coelho da cartola”. Desta feita, a “reforma do abono de família” que servirá de “pilar à nova geração de políticas sociais”, segundo o próprio primeiro-ministro. Uma semana depois da entrada em vigor da nova Lei que permite a interrupção voluntária da gravidez, e na sequência do aviso do Presidente da República sobre os riscos da baixa taxa de natalidade, Sócrates despediu-se dos deputados, para férias, anunciando duas novidades.

Será introduzida, então, uma prestação de apoio paga às mães a partir do terceiro mês de gravidez e que, segundo números do Governo, abrangerá 90 mil famílias – com baixos rendimentos – tendo um escalão máximo de apoio fixado nos 130 euros por mês. A esta novidade junta-se a intenção de apoiar as famílias numerosas – também de rendimentos mais baixos – através da duplicação do abono para os segundos filhos e triplicação para os terceiros. O “pacote” entrará em vigor a partir de dia 1 de Setembro e terá um custo associado de 100 milhões de euros, ano, segundo números divulgados pelo Ministério do Traba-



Pedro Aperta

José Sócrates | Primeiro-ministro diz que novidades avançam a 1 de Setembro.

Sócrates irrita-se porque não quer “lições de liberdade”

“Não admito que me dêem lições de liberdade.” A frase, dita num tom fora do habitual, estremeceu o hemiciclo. “Eh lá”, ouviu-se nas bancadas da oposição. Em mais de dois anos de debates no Parlamento, esta foi, talvez, a primeira vez que Marques Mendes conseguiu tirar José Sócrates do sério, e logo na discussão sobre o estado da Nação [geralmente é com a esquerda que o primeiro-ministro se exalta]. Num debate previsível e sonolento, sobram os ataques à liberdade, ou a falta dela. “Assim, a Nação não vai bem, porque a Nação não vai bem quando a liberdade vai mal”, criticou o líder laranja. Em resposta, o primeiro-ministro recordou a “falta de moral” de Marques Mendes, que “chama guerrilheiros aos seus adversários internos”, e recordou que o “PS é um dos fundadores da Democracia”. Por isso mesmo, disparou Francisco Louçã. “São precisamente os fundadores do PS que lhe puxam as orelhas – Soares e Alegre – que não querem que o partido suje as mãos com autoritarismo”, ironizou o líder do Bloco de Esquerda.

lho e da Solidariedade Social.

Apesar do “esforço” financeiro, o cenário nacional continua a ser muito diferente daquele que se vive na maioria dos países da OCDE. De acordo com números de 2003, Portugal destina apenas 0,7% do seu PIB, aproximadamente, para apoiar de forma directa a natalidade. Isto é, através de transferências monetárias para as famílias. Uma situação que coloca Portugal na cauda de um “ranking” liderado pelo Luxemburgo, Reino Unido e Finlândia. Em todos estes casos, a percentagem da riqueza desembolsada para financiar directamente a natalidade ultrapassa os 2,5%, chegando aos 3,5% no caso do Luxemburgo. Ora, mesmo que se some os 0,7% aos 0,06% que representam o acréscimo de despesa de 100 milhões de euros previstos para sustentar as duas novas medidas do Governo, Portugal mantém-se no rodapé do “ranking”.

Bagão Félix considera medidas positivas mas duvida da sua eficácia

O antigo ministro da Solidariedade do Governo de Durão Barroso duvida que estas medidas no abono de família “sejam eficazes do ponto de vista do estímulo à natalidade”, tal como José Sócrates anunciou. Em declarações ao JdN, Bagão Félix começou por destacar que as novidades “são positivas” enquanto “medidas de apoio social, mas fez questão de sublinhar que “não é pelo abono aumentar de 30 para 60 euros que as pessoas vão ter mais filhos”. O antigo governante quer mais. Sobre tudo medidas que permitam melhorar a conciliação entre a vida familiar e profissional.

Alargar a licença de maternidade para, por exemplo, seis meses, e conceder benefícios fiscais às empresas que desenvolvam infra-estruturas de apoio aos filhos dos funcionários são algumas das suas propostas.

Espanha dá cheque de 2.500 euros



O primeiro-ministro espanhol, José Luis Rodríguez Zapatero, anunciou no passado dia 3 de Julho a atribuição de um subsídio de 2500 euros por cada novo filho que as famílias residentes em Espanha, tenham ou adop-

tem. Esta medida foi anunciada no debate mensal do estado da nação. Zapatero anunciou também a universalização da educação infantil para as crianças dos zero aos três anos de idade apresentada como medida complementar a este subsídio de natalidade.

Desde 1991 que Espanha regista uma taxa de fertilidade média de 1,35 filhos por mulher em idade fértil. A população imigrante é quem mais contribui para os nascimentos.

Subsídio alemão de 4.200 a 25.000 euros



O apoio à natalidade alemã foi reforçado no primeiro dia de 2007 com a introdução de um subsídio anual que varia entre 4.200 e 25.000 euros. Além deste incentivo, o governo propôs-se a abrir mais 500.000 vagas

nas creches do país e a legislar no sentido de atribuir uma licença de paternidade ao pai com um prazo de, pelo menos, dois meses.

Actualmente, a Alemanha despende 61,3 mil milhões de euros, o que equivale a 2,73% do PIB alemão, em serviços relacionados com as crianças, como por exemplo creches e em salários-família (nome dado ao novo subsídio). Um estudo governamental indica que a taxa de fertilidade é de 1,37 filhos por mulher em idade fértil.

País envelhece a grande velocidade

Portugal perdeu mais de duas crianças por cada mil habitantes nos últimos 20 anos, segundo os últimos dados do INE. Além disso, o número médio de filhos por mulher passou de 1,41 em 1995 para 1,36 em 2006, um dos mais baixos valores da UE. O efeito é simples: de 1987 até 2006, a percentagem de jovens no total da população passou de 22% para os 15%.

Investimento em Natalidade

| País | Em serviços | Em dinheiro | Total |
|------------|-------------|-------------|-------|
| Luxemburgo | 0,5% | 3,5% | 4,0% |
| Alemanha | 0,9% | 1,1% | 2,0% |
| Espanha | 0,2% | 0,8% | 1,0% |
| Portugal | 0,9% | 0,7% | 1,6% |

Fonte: OCDE (Dados de 2003)

| | | | | |
|------------------|---------------------------|--|--|---|
| ID: 17691122 | Jornal de Negócios | Tiragem: 16394 País: Portugal Âmbito: Economia, Negócios Perid.: Diária | Página: 1 Cores: Cor Área: 20,49X4,78 cm2 Corte: 2 de 2 | — |
| Data: 23-07-2007 | | | | |



Portugal na cauda da Europa nos apoios à natalidade

➔ Novas medidas custam 100 milhões por ano. Ainda assim, Portugal continua a gastar menos de 2% do PIB em incentivos **Pág. 13**